

Scalco propõe um Ministério de coalizão

NOV O líder do PSDB na Câmara dos Deputados, Euclides Scalco, propõe um acordo nacional com um ministério suprapartidário, como caminho adequado para que o Governo enfrente a grave crise econômico-financeira, obtendo base de apoio para tomar as medidas que forem consideradas necessárias para vencer a batalha contra a inflação.

O deputado paranaense considera crítica a situação nacional em face do processo desgastante que envolveu o Governo, quando acaba de completar apenas oito meses de gestão. Scalco acentua que, sem um grande entendimento do Governo com as principais forças políticas, será impossível enfrentar a crise.

O líder do PSDB mostra-se apreensivo com o quadro de deterioração da imagem do Governo. "Houve tal velocidade nos desgastes, que a gente fica perplexo. Um presidente da República que tinha, até pouco tempo, altos índices de popularidade, vê despencar essa simpatia popular em torno de sua figura", observa o líder tucano.

Scalco acredita que o ideal seria chegar a um grande acordo nacional em torno da implantação do parlamentarismo, com a formação de um gabinete suprapartidário. Mas, como isso parece difícil, a essa altura, o parlamentar paranaense concorda com a articulação de um ministério de união nacional, no qual estejam representadas todas as correntes políticas de expressão no Congresso.

O deputado Euclides Scalco vê sinais de desorientação e de imaturidade do Governo, o que faz aumentar a sua insegurança em relação ao desempenho da administração federal. Lembra, por exemplo, que o Governo fez uma proposta aos banqueiros de renegociação da dívida externa em um prazo de 45 anos, suspendendo-se o pagamento dos juros atrasados.

"Eis que, de repente" — observa — "como se fosse um turco vendedor de artigos a prestação, o Governo recua para admitir o pagamento dos juros. Isso revela pouca segurança e nos enfraquece perante os banqueiros internacionais".

Com a inflação novamente fora do controle das autoridades, depois de colocado em prática o programa mais rigoroso já aplicado no País, o líder do PSDB acha que já não cabem paliativos.